

ORAÇÃO DA SAPIÊNCIA, SUBORDINADA AO TEMA

**“PORTUGAL EM SOBRESSALTO: GERAÇÕES DE MUDANÇA, EM
PARTICULAR, A DE SESSENTA DO SÉCULO XX”**

PROFERIDA PELO PROF. DOUTOR ANTÓNIO DOS SANTOS PEREIRA

10 DE OUTUBRO 2011

Portugal em sobressalto:

Gerações de mudança, em particular, a de Sessenta do século XX

Magnífico Reitor,
Sr. Presidente do Conselho Geral,
Caros colegas,
Sr. Presidente da Associação de Estudantes
Queridos alunos,
Estimados funcionários,
Minhas Senhoras
E meus Senhores.

Quero merecer a preciosa atenção dos membros da minha Academia e espero não desiludir as expectativas dos nossos ilustres convidados, face ao sobressalto do título publicitado, em tempo oportuno. Assim, ao lembrar os líderes das gerações, com projectos de mudança, dignos do mérito Lusíada, ordenarei as ideias, acertarei as palavras e cuidarei as frases, sem os exageros da má retórica. Na ansiedade de bem dizer, o sossego das longas madrugadas aconselhou-me a voltar ao equilíbrio clássico de Marcus Quintilianus. Embora adepto da oratória mais exaltante, da arte de pensar e persuadir dos franceses, Bossuet (1627-1704), Massillon (1663-1742) e Fénelon e do pensamento vibrante dos nossos, Vieira, Chagas, Bernardes, mesmo que fosse capaz, não devia segui-los na opulência do estilo, por desadequado ao nosso tempo. Antes, trago à colação a sobriedade de uma das revistas marcantes da Cultura Portuguesa no século XX, ao nível de *Orpheu* e com a dimensão da *Presença*, dita *O Tempo e o Modo* e, em tal escolha, além da fonte, percebo o mote e cumpro ainda a homenagem beirã a um dos intelectuais, de maior vulto, tranquilidade interior e melhor memória, nascidos aqui, António Alçada Baptista (1927-2008), a quem dedico esta oração de sapiência.

Anunciada a **forma**, perspectivado o **tema**, vista a principal **fonte**, feita a **dedicatória**, quanto ao **método**, direi adiante.

Não me move o particular fim da persuasão, sobretudo lícito ao escol de homens bons, nele admitidos depois de uma boa morte, como demonstrou Plutarco, nas vidas que biografou. Assento, tão só, nas duas regras universais do discurso, a decência e a conveniência, e nas exigências deixadas pelo clássico latino para atingir a mestria e que resumo: no labor contínuo, na larga experiência e na prudência consumada. (*Instituições Oratórias*, p. 22)¹. Com os *Diálogos* de Fénelon², asserto na demonstração, sem jogos verbais, todavia, no deslumbre das ideias luminosas. Colocado no avesso da arte de persuadir, pela “mecânica das palavras”³ e sem o talento de representação dos artistas, porfio em manter-me na longa esteira de Platão na mais séria procura da verdade a partir das suas sombras. Como historiador, tomei esta por desígnio, mormente, no espaço e no tempo portugueses, através dos testemunhos escritos que nos chegaram, alguns, deveras, bem autorizados, de há um milénio a esta parte.

Início, pois, esta saga, com um bom exemplo, na forma clássica: há cinquenta e três anos, precedendo o movimento, que observaremos adiante, em missiva de dezasseis páginas a Sua Excelência o Presidente do Conselho António d’ Oliveira Salazar, o Bispo do Porto D. António Ferreira Gomes (1906-1989) deixava transparecer algumas das suas maiores aflições, em palavras escorregadas, que alguns de nós, então, meninos, agora, no Outono da Vida, corroboramos ao relembrar a crua realidade:

“Não poderei dizer quanto me aflige o já hoje exclusivo privilégio português do mendigo, do pé-descalço, do maltrapilho, do farrapo; nem sequer o nosso triste apanágio das mais altas médias de subalimentados, de crianças enxovalhadas e exangues e de rostos pálidos (da fome e do vício?).” (Igreja Católica. Bispo do Porto, Carta a Salazar, 13 de Julho de 1958).

Comentava, ainda, o antístite portuense sobre o mundo do trabalho:

“Em parte alguma, mesmo no Sul da Espanha ou da Itália, se nota como entre nós o ritmo lento do trabalho, um aspecto de desemprego lavrado, a pequena diferenciação ou quase confusão entre as horas de trabalho e o tempo de lazer — ou lazeira, como melhor se diria, com a voz do povo.” (*Idem, Ibidem*)

E concluía, em asserção sociológica, próxima do pensamento marxista, sobre a educação dos trabalhadores, que exasperou o destinatário e acarretou o exílio ao santo prelado:

¹ <http://www.archive.org/stream/instituiesor00quinuoft#page/n57/mode/2up>

² *Dialogues sur l'éloquence en general, et sur celle de la chaire (...)*. Livros Google.

³ Cf. Nicolau António Peixoto, *Mechanica das palavras*. Lisboa, 1787.

“O mundo operário e o camponês não podem ser educados pelo patronato.” (*Idem, Ibidem*)

Levanto a âncora do proémio, abordo o método e aponto o rumo ao largo oceano da matéria.

Para além das regras ditas de bem dissertar, ainda na mais prudente tradição universitária, a do método, que anunciei, quis aproximar-me do subtítulo desta lição, “Gerações de mudança”, através dos conceitos operativos de espaço e tempo, centro, periferia e semi-periferia, geração, prosopografia, cultura, cultura dirigida e contracultura, evolução, crise, alteração, reforma, revolução e mudança, mas na quinta página do esforçado rascunho, apenas as noções de espaço e de tempo arrazoadas, recusei prosseguir. Tal epopeia pareceu-me um atentado à vossa paciência, uma agressão às normas ditas da boa retórica e gastaria os trinta minutos que me deram sem chegar ao cerne do tema investido: *Portugal em sobressalto*. Afinal, percebera que não me encontrava na dimensão de uma unidade curricular, em que os respectivos conteúdos programáticos devem ser enunciados, perspectivados, ponderados para avaliação, justificados, explicados, referenciados em fontes e bibliografia, ao longo de um conjunto de sessões de ensino de natureza colectiva, nas actuais designações provenientes da adequação ao processo de Bolonha e nas antigas e tão simples, ditas no singular, cadeira, programa e aula, que muitos, ainda e bem, perfilham.

Obviamente, este acto não pode assumir a forma de uma sessão de ensino, antes se pretende uma Aula Magna, portanto, extraordinária, mais pelos que nela se reúnem do que pela minha monótona e apagada figura. Agradeço, pois, ao magnífico Reitor, o convite que me permitiu sair da torrente de rotina, em que tenho estado imerso, escondido nos arcanos da história, dos seus conceitos e métodos, para proferir a Lição de Abertura do Ano Lectivo 2011/2012, pela causa das Letras na UBI, com um tema, em que afloro a nossa dramática e inquieta contemporaneidade, talvez oportuno, se houver da vossa parte a piedade e a complacência necessárias para este eterno aprendiz que não merecia a tamanha honra concedida pela Academia a que pertence, há uma geração, sem qualquer motivo de destaque a não ser o da idade.

Assim, de imediato, tentarei demonstrar como um grupo de jovens intelectuais portugueses à volta da revista *O Tempo e o Modo* (1963-1977), continuadores do espírito que tinha informado o círculo do humanismo cristão, na conjuntura da atitude do memorável Bispo do Porto, citado acima, pelas causas “**da Verdade e da Justiça**”,

face ao regime plebiscitário, ao estatismo financista, ao colonialismo, ao corporativismo e ao anti-pluripartidarismo de Salazar, e concretizado no Manifesto dos Cento e um Católicos contra a Ditadura e pela Paz, no dia de S. Francisco de 1965, foi relevante na construção do País dos nossos dias e lançarei tanto a questão do eventual esgotamento de tal projecto, pela erosão do tempo nos seus elementos, pelas reverências merecidas, mas sempre prejudiciais à ousadia bem-vinda de jovens talentos, no paradigma anterior, como indagarei a necessidade da conferência de movimento de igual teor perante o aprofundamento das realidades que aqueles previram ou as emergentes como é esta, agora, de um desesperante e anónimo império financeiro internacional, sorvedouro, sem fim, que constrange pela onzena os países, as instituições e as pessoas, e humilha a identidade de povos milenares, alguns, como o nosso, responsáveis pela mais sadia modelação do planeta. Obviamente, procurarei ainda um novo rumo perante a falência sistemática dos bons propósitos, o aprofundamento da fluidez das vontades, a falta de estabilidade dos afectos individuais, a projecção catastrofista do futuro por parte de alguns, mesmo dos governantes e a incapacidade de mobilização colectiva para além dos grupos restritos de novos interesses corporativos.

Com efeito, em situação de profunda, mas inspiradora crise, os membros daquele movimento humanista responderam positivamente aos anseios de Justiça, Verdade, Paz, Liberdade, Saúde e Educação. Havida a materialidade possível dos mesmos, ao longo das últimas quatro décadas, na colheita dos maduros frutos, anunciados pelos cravos de Abril, sobra o desafio permanente da adequação das instituições e do desenvolvimento integral do homem no âmago da nossa sociedade, hoje, mais planetária do que lusa e, portanto, a exigir uma nova alma e um outro fado, sem tão pausada cadência como o antigo. Mas tenho a certeza de que, se investirmos na vontade, a mais bela criatura de Deus e a melhor potência do ser humano, no dizer de Kant, preencheremos os vãos do espírito com a beleza das nossas tradições, em acentuado e vivo ritmo, que incorpore o frémito dos espaços mais desenvolvidos do planeta.

Dito um país semi-periférico ou de dupla face pelo emérito académico, Boaventura de Sousa Santos e aqui confirmado, pelo nosso bom colega José Carlos Venâncio, na referência de Immanuel Wallerstein, Portugal não agrega as energias permanentes dos países centrais e urge projectos mobilizadores por parte das suas elites nos diversos âmbitos da Política, da Economia e, sem dúvida, da Administração e da Cultura.

Quadro n.º 1 - Dupla face de Portugal segundo Boaventura de Sousa Santos

Nova	Caduca
País, sociológica e historicamente, inteligível.	País exótico, idiossincrático, enigmático, desconhecido, com uma elite cultural reduzida, irresponsável e cega, criadora ela mesma dos seus mitos, com ausência de burguesia, com desenvolvimento tardio das ciências sociais e da psicologia social.
País único e de desenvolvimento intermédio.	País de extremos, autopromovido ou autoflagelado, sem um aparelho teórico de compreensão, de captação e análise das respectivas práticas sociais, económicas, políticas e culturais.
País reterritorializado	País produto de uma negociação de âmbito internacional, desterritorializado por ter voltado costas ao Brasil e a Angola.
País com uma sociedade heterogénea.	País com agricultura atrasada, remunerações baixas no sector industrial... e com um certo fascismo social
País com um Estado historicamente forte e regulador.	País com relações pantanosas: Estado/sociedade civil; oficial/não oficial; formal/informal; público/privado e manifestações de corrupção.
País com legislação avançada.	País com práticas sociais e de aplicação da lei atrasadas e convicções políticas negativistas.
País com uma sociedade com manifestações de solidariedade social de forma tradicional.	País com práticas políticas de sentido hipócrita.
País com passado e presente	País projectado em nacionalismos, iberismos, sebastianismos, futurismos, etc.

De facto, de tempos a tempos, emergem, em Portugal, grupos à volta de ideários, cujos elementos mais talentosos o arrastam para a linha da frente e o aproximam de movimentos quase sempre iniciados, como diz aquele sábio Conimbricense, nos países do Centro e lhe acentuam os traços da face nova, ainda que, esgotada a energia inicial, logo descole da dianteira e aumente a frustração. A insistência desta tem-se revelado perigosa por deixar o país exposto ao predomínio da face avessa, caduca e triste, pantanosa e corrupta, disfarçada e hipócrita, manifesta em autoflagelação negativista ou em ridículas vaidades pessoais de presumidos salvadores e nos mitos colectivos do nacionalismo, do iberismo, do sebastianismo e de um futurismo, pouco pessoano, de um Portugal a cumprir, transformando a pátria de Camões em terra de suicidas, na expressão mais grave de Unamuno, ou de peregrinos desamparados nas veredas sinuosas do planeta, «famintos de pão e de futuro»⁴, escrevia, na beleza do texto literário, há oitenta e três anos, Ferreira de Castro.

Cito algumas gerações, os lemas e as figuras respectivas, para enquadramento, e apelo às vossas melhores lembranças do passado português. Sei que nos programas

⁴ Ferreira de Castro, *Emigrantes*, Lisboa, Guimarães Editores, 25ª ed., p. 81. A primeira edição é de 1928.

recorrentes da História, nos diferentes graus de ensino, todos fizeram este percurso no tempo e mais ainda os apaixonados pela leitura das excelentes edições da História Pátria. No entanto, fá-lo-emos, agora, em sentido inverso ao seu decurso normal, com saltos de cinquenta anos. Assim, aproximar-nos-emos mais da noção de ciclo do que da de geração e perspectivaremos as acções e os movimentos, cuja fecundidade intrínseca vai muito para além das conjunturas em que se anunciam:

Há cinquenta anos – em contexto internacional de progresso notável, mas de crise portuguesa, de ditadura e guerra colonial, surgiu um grupo de personalidades com um núcleo próximo do seu ponto central onde se encontrava o covilhanense António Alçada Baptista, promotor da revista *O Tempo e o Modo*. Este grupo era formado por católicos progressistas, em maioria, porém, aberto à colaboração dos mais diversos quadrantes políticos, democratas e socialistas, de mulheres e homens, devotos à causa da transformação do país e sem medo, a que voltaremos para fechar a sucessão de ciclos.

A marca filosófica era a do existencialismo, para além de Sartre, por ser cristão, e o lema deles dizia Abertura ao Mundo, Desenvolvimento, Renovação, Dignidade da Pessoa Humana, portanto, Humanismo e, em expressão mais larga e juvenil, animada por novos ritmos, clamavam por Paz, Alegria, Beleza, Tolerância e Amor. Curiosamente, em resposta bem diferente da que dera em séculos passados, a Hierarquia Católica acompanhava o movimento e produzia alguns dos seus mais notáveis textos teológicos: a encíclica *Pacem in Terris* de João XXIII, em 1963, e a constituição *Gaudium et Spes*, do concílio Vaticano II, em 1965. No que concerne à Encíclica, noto a impossibilidade de o Estado Português ficar indiferente perante a questão colonial que ali era abordada como cito:

«Uma vez que todos os povos já proclamaram ou estão para proclamar a sua independência, acontecerá dentro em breve que já não existirão povos dominadores e povos dominados. As pessoas de qualquer parte do mundo são hoje cidadãos de um estado autónomo ou estão para o ser. Hoje, comunidade nenhuma, de nenhuma raça, quer estar sujeita ao domínio de outrem.»⁵

Quanto à constituição conciliar, demonstro como às duas palavras iniciais, **alegria e esperança**, que dão o título a este documento, se contrapõem as imediatas, *luto e angústia*, na expressão latina do original, *luctus et angor*, que podiam ter substituído *gaudium et spes* se os tempos não fossem inspiradores e, no Vaticano II, não tivesse ganho a corrente positiva.

⁵ *Pacem in Terris*. BIP. Nº 24/25 (1963), p. 16.

O movimento de há cinquenta anos foi muito para além da conjuntura política, económica, social e cultural e empenhou intelectuais de todos os saberes em dois temas tradicionalmente abordados sobretudo no âmbito teológico: Deus, sem as frivolidades da escolástica⁶ e o casamento, sem as subtilezas do concílio de Trento, percebendo a sua importância na caracterização da civilização ocidental até então. Além destes, o tema da Universidade mereceu o talento de Jorge Sampaio. Apesar da PIDE e da Censura, esta era a primeira geração a pensar e a escrever sem o centenário *Index Librorum Prohibitorum* a limitá-la e a consequente excomunhão. Ela mesma se confirmava a geração em trânsito entre o tempo da escravidão e o de tempo da liberdade, dito do “Advento” por Alçada Baptista⁷ e crepuscular-auroral, por Eduardo Lourenço, perspectivando o fim das trevas da noite fascista. Em termos civilizacionais, chegavam ao LNEC os enormes computadores de 1ª (1959), 2ª (1963) e 3ª Gerações (1968) e os homens de então assistiam ao primeiro transplante cardíaco, viam um seu igual pisar o solo lunar e planeavam a dimensão da família na vivência do amor.

Mas continuemos o trânsito inverso dos séculos, em analepses luminosas.

Há cem anos, vingou a geração concretizadora do projecto do Portugal republicano e laico. A marca filosófica era a do cientismo ou do positivismo de Comte e de Teófilo Braga e o lema dizia: Ressurgimento, Justiça, Instrução, Laicização e Participação Cívica. Os seus arautos clamavam por governantes ímpolutos e por um Catão que não tardou a revelar-se na forma de um ditador desconfiado da actividade política, que paradoxalmente reservava como feudo exclusivo para a sua iluminada, mas esconsa figura. A multiplicação das facções, a incapacidade de muitos em aceitarem as disciplinas e institucionalizações partidárias, um espaço público ainda arcaico, apertado, nebuloso, sinuoso e rude e também a intolerância, para além de Portugal, provocaram a hecatombe das antigas democracias sustentadas em elites e nas suas influências, deixando a via aberta aos ditadores e aos Senhores da Guerra. Não podemos, porém, saltar este tempo sem deparar com o vulto de modernidade de dois dos maiores talentos portugueses de todos os tempos: Pessoa e Almada Negreiros.

Há cento e cinquenta anos, notamos, em maiúsculas, a Geração de Setenta do século XIX, paradigma de todas as gerações, que se transformou na de Noventa dos

⁶ Já Bluteau recriminara estas. Cf. Rafael Bluteau, «Academia teológica», in *Prosas Portuguesas*, I, Lisboa, 1729, pp. 341B-342ª, Cf. Amândio Coxito, *Estudos Sobre Filosofia em Portugal na Época do Iluminismo*, pp. 10-11, <http://www.incm.pt/site/anexos/10053620100607143444470.pdf>.

⁷ António Alçada Baptista, “Reflexões sobre o Casamento”, 1968, p. 31.

Vencidos da Vida, luminares que preencheram o essencial da cultura portuguesa e que inauguraram a nossa contemporaneidade, Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão e outros, com grande semelhança à que agora tratamos porque se conheceram e reuniram à volta de um projecto comum nas célebres Conferências do Casino. Os membros dessa geração acreditaram na Ciência, em todos os seus ramos, particularmente nas ciências sociais como solução para os males que afligiam a humanidade do tempo. A mesma terminou na frustração trágica do programa socialista de Antero, na bancarrota e descrédito do Estado Liberal e no desenho do projecto republicano pequeno-burguês, democrático e laico de Teófilo Braga, mas de feição maçónica, anticlerical, justicialista e intolerante, na versão do senense, amigo da Covilhã, Afonso Costa.

Há duzentos anos, com as invasões francesas, a presença do exército inglês, a capital portuguesa fora Reino, no Rio de Janeiro, a actualização maçónica, os emigrantes ilustrados pelas luzes de Paris e os empreendimentos londrinos à velocidade do vapor, nasciam os intelectuais da dimensão de Garrett, de Herculano, de Castilho e do beirão José Silvestre Ribeiro, que desenharam o Portugal liberal. Para estes, a melhor Lei era o lema e uma boa constituição garantiria a Ordem no modelo burguês, parlamentar e liberal. Coube a esta geração o início do movimento vanguardista que levou à abolição da pena de morte em Portugal. Curiosamente, em nome da Liberdade, a mesma desdenhou o celibato e os votos monásticos e pôs em questão o casamento indissolúvel, como a que elegemos por mote.

Há duzentos e cinquenta anos, Jacob de Castro Sarmiento, Pombal, Ribeiro Sanches, Verney, Pereira de Figueiredo, Eugénio dos Santos, iluminaram o espaço público português. Esta geração testemunhou o grande sismo, o maremoto e o incêndio que destruíram Lisboa no dia de todos os Santos de 1755. Todavia, a mesma não se deixou intimidar pelas forças da natureza e outras. Pombal esforçava-se por industrializar o país como fica demonstrado ali ao lado e fazia eliminar a escravatura no Reino e na Índia (1761). O seu lema dizia-lhes ilustração, razão, técnica, autonomia do natural face ao sobrenatural e exclusão deste na explicação daquele, mas o mundo português de então estava demasiado distante de tais luzeiros e eu alargo o passo no balanço dos séculos para não demorar tanto na caminhada.

Há trezentos e cinquenta anos, Portugal renascia pela inteligência e pelas palavras sentidas de um dos três maiores portugueses de todos os tempos, o Padre/profeta António Vieira, e pela via do industrialismo proposto por Ribeiro de

Macedo e concretizado pelo Conde da Ericeira na Covilhã, com a primeira das duas Grandes Fábricas Reais.

Há quatrocentos e cinquenta anos, Camões e outro covilhanense ilustre, Frei Heitor Pinto, sobre cujo pensamento político falarei em Washington no início da próxima primavera, 22 de Março, davam às gentes lusas as melhores razões para resistir a Castela com as mais bem ditas palavras clássicas, em bom português, até aos nossos dias, em dístico à atenção de todos os governantes, gestores, administradores e autoridades em geral:

Nenhum poder violento,
Resiste por muito tempo.

Neste caminho, em saltos ainda maiores sobre os séculos, chegaremos à geração de **há seiscentos anos**, a de Nuno Álvares Pereira e dos filhos de D. João I e Filipa de Lencastre, os conhecidos, príncipe Duarte e os infantes, Pedro, Henrique e Fernando, leitores continuados do *De Officiis*, de Cícero, uma das obras clássicas mais marcantes da civilização ocidental. Foram estes que confirmaram o sentido ético e culto do tempo português e iniciaram o mítico feito da descoberta do Mundo.

Finalmente, terminamos esta retrospectiva, **há novecentos anos**, no *Scriptorium* do mítico Johannes Hispalensis et Limiensis, que comportava no nome o mais ocidental eixo Culto de então, de Sevilha ao Lima, e traduziu do árabe para latim o *Kitab sirr al-asar* ou *Secretum Secretorum*, primeiro manual de boa governação, na corte da mãe de D. Afonso Henriques, em que o sentido da portugalidade começou, neste pedaço da Jangada de Pedra da Península, capaz de navegar o mundo e de recolher ao cais pirenaico sem nada daquele destruir no iberismo fatalista de Saramago.

A característica dominante em todas estas gerações de mudança é a juventude dos seus membros, sobretudo patente nos movimentos fundadores: reluz em D. Afonso Henriques e no seu grupo, parece evidente nos filhos de D. João I, nos oratorianos que acompanham Pombal nas suas reformas, manifesta-se nos liberais, que desembarcaram do vapor Superb no Mindelo, está retratada no grupo à volta de Antero, os promotores das Conferências do Casino etc. etc. Além do cunho de juventude, estas gerações incorporam veias de cultura em rupturas de civilização e nas artérias principais fazem circular a ética como o sangue da vida e da afirmação do Estado. Com efeito, está hoje razoavelmente bem documentada a dimensão cultural conseguida na teia de instituições eclesiásticas, desde os tempos Afonsinos, e de ensino superior laico, desde a governação dionisiaca, particularmente em Coimbra, em Braga e Guimarães, em Lisboa, Évora,

Beja e Silves, em Alcobaça e Tomar, em Ponta Delgada como provarei e ali, no nosso Convento de Santo António, até à Revolução Liberal, que tudo mudou. Não necessitamos demonstrar a integração de Portugal na cristandade letrada da Europa do Ocidente e reafirmamos a cultura e o sentido ético dos filhos de D. João I; do nosso frei Heitor Pinto e de Camões; de Verney e Ribeiro Sanches; de Garrett e Herculano; de Antero e de Eça; de Mário de Sá Carneiro e de Pessoa; e dos que há cinquenta anos colaboraram em *O Tempo e o Modo* e nos ocupam de imediato.

A **geração de sessenta do século XX**, dita acima, foi muito para além do grupo polarizador à volta de *O Tempo e o Modo* e frequentou outros espaços relevantes de expressão e acção. Porém, em minha opinião, a que adquiriu a melhor expressão no espaço público português do tempo e posterior, centrou-se aqui. Todas as áreas do saber e da expressão artística e literária foram contempladas na revista. A Literatura ganhou a palma com 118 colaboradores, particularmente poetas, romancistas e dramaturgos e nomes tão distintos como Sophia de Mello Breyner Andersen, Jorge Amado, Jorge de Sena, Vergílio Ferreira, Agustina Bessa-Luís e Fernando Namora. Com cerca de metade, 62 colaboradores, segue-se a Política e o Direito, mas aqui cabem os nomes do futuro que justificam o título: Mário Soares, Jorge Sampaio, Henrique de Barros, Manuela de Azevedo, Jaime Gama, Júlio de Castro Caldas e Helena Vaz da Silva, esta com uma acção decisiva em projectos posteriores do mesmo género como o *Expresso*. Por seu turno, demonstrando centralidade no entretenimento culto do tempo, o cinema contou, entre realizadores e críticos, 32 nomes. Deles, destaco, pelo número de colaborações, António Pedro de Vasconcelos, Alberto Vaz da Silva, Duarte Nuno Simões e Gerard Castello Lopes. O ambiente conciliar fez participar vinte e nove teólogos de que cito os esquecidos Frei Mateus Cardoso Peres ou Manuel Frade, o Padre António Jorge Martins ou Cristóvão Martins da Costa e Luís Moita. Parece-nos que a vigilância eclesial portuguesa não permitia a multiplicação das colaborações e os responsáveis da revista viram-se obrigados a inserir textos de eclesiásticos e teólogos estrangeiros de nomeada como D. Hélder da Câmara, um dos bispos mais célebres do seu tempo que abriu o espaço à Teologia da Libertação, de Leonard Boff, ouvido, no zénite desta geração, por muitos dos seus membros e já por mim, seu confrade e discípulo, no primeiro semestre do ano lectivo 1975/1976 na Universidade Católica em Lisboa. A Filosofia contou 28 colaboradores, alguns deles muito distintos de que destaco o nome de Manuel Lourenço. Fernando Belo há-de elaborar a lista das preferências filosóficas que enquadraram este novo humanismo: Karl Jaspers, Martín

Heidegger, Gilles Deleuze, Jacques Derrida e Michel Foucault. A economia contou 22 colaboradores, entre eles, Francisco Sarsfield Cabral, Mário Murteira e um engenheiro civil/ economista, João Cravinho. Entre os dezoito historiadores, uma palavra de mérito para Vitorino Magalhães Godinho, para Oliveira Marques e para Joel Serrão. A Arquitectura e a Música, a Física, a Medicina, particularmente a Psicanálise, a Pedagogia e o Desporto viram aqui os seus melhores representantes. Destaco, entre os médicos, porque ainda beneficiei do seu humanismo, o Professor Pinto Correia, que lançou a ideia do SNS ainda na década de cinquenta. Alguns ensaístas de largo fôlego, como Eduardo Lourenço e José Augusto França, firmaram os seus créditos. Em termos programáticos, esta revista, orientada para a análise da conjuntura mundial, retomava em Portugal um projecto desenhado à volta da revue *Esprit* em publicação desde 1932 e em termos ideológicos aproximava-se do personalismo cristão com referências a Emmanuel Mounier, aos novos evolucionismos, à teoria da complexidade de Edgar Morin, à psicossomática de Wilhelm Reich, ao espiritualismo finalista de Teilhard de Chardin, ao existencialismo, dito acima cristão, que recusa o absurdo e o agnosticismo de outras expressões. A referência essencial era a soteriologia cristã, todavia, o processo de salvação não se realizava fora da História e deste Mundo, antes se lhe impunha para lhes dar sentido.

Repito que no centro do núcleo dinamizador desta revista se encontrava o seu fundador, proprietário da Moraes editora, que nela empenhou toda a fortuna familiar: Alçada Baptista. O nome da revista deve-se a Pedro Tâmen. Figura decisiva foi o recentemente falecido João Bernard da Costa (1935-2009), que se dedicou de corpo e alma à mesma até meados de 70. O maior número de colaborações coube ao jovem de então, Vasco Pulido Valente, ao todo sessenta e duas, seguem-se o dito João Bernard da Costa e Nuno Bragança com cinquenta e quatro e já distantes, João Paes e Manuel Lourenço com vinte e nove e vinte e oito, respectivamente. A nata da intelectualidade portuguesa que manteve acesa a chama da democracia na oposição ou que soube fazer a transição do anterior regime para o pós-25 de Abril colaborou em *O Tempo e o Modo*. Para além dos já ditos, nomeio ainda: Adolfo Casais Monteiro, António Pedro, Baptista-Bastos, David Mourão-Ferreira, Eugénio de Andrade, Eduardo Prado Coelho, Herberto Helder, Irene Lisboa, Jacinto Prado Coelho, José Cardoso Pires, José Gomes Ferreira, José Régio, Lindley Cintra, Luís de Sttau Monteiro, Maria Judite de Carvalho, Mário Dionísio, Nuno Júdice e Ruy Cinatti e que me perdoem os outros por não dizê-los aqui pois a lista perfaz uma dezena de páginas. Em termos globais parece não haver

intelectual digno de nota, nascido nas décadas de Vinte, particularmente de Trinta e primeiros anos de Quarenta do século XX, que não tenha deixado algo na revista. Alguns em princípio de carreira, entre os dezanove e os vinte e dois anos corroboram a tese que defendo de coincidência entre juventude e ideário de mudança.

Para Concluir

Percorrendo um a um os colaboradores de *O Tempo e o Modo*, ficamos com o espelho de Portugal e do Mundo na década de Sessenta. O empenho daqueles foi decisivo na tentativa de eliminar os males que afligiam o país e de construir um projecto de transformação da sociedade e do homem portugueses. Todavia, esta geração nascida no seio da burguesia portuguesa, ligada ao catolicismo, fez o trânsito de Abril consciente de que podia ter feito muito mais, muito mais cedo. Alçada Baptista verberou a situação de «uma geração que ficou quieta e muda perante a opressão e a injustiça e que, por fim, deixou imolar os seus filhos numa guerra injusta, sem dar um passo para os tirar de lá»⁸. Não tanto, ele e os que de mais perto o acompanharam, replico eu, e não se pode condenar uma pátria a quem tudo tem sido tão difícil, até as Letras. Que sejam estas o desafio final e que Portugal se cumpra quanto antes numa nova geração com talento, na linha da frente, em todos os ramos do saber e do fazer, envolto no Humanismo de que sempre tem prestado as melhores provas como disse.

⁸ António Alçada Baptista, *A Pesca à Linha – Algumas Memórias*, 5ª ed., Lisboa, Reditorial Presença, 2000, pp. 232-233.

}

}